ARTE – A CONTEMPORANEIDADE EM QUESTÃO

Por: Geraldo Honorato[1]

Ao pensarmos a arte hoje percebemos que não se trata de uma ação humana despretensiosa ou que se ocupa somente do belo. Em outros momentos a arte perseguia o novo e o original, hoje, o artista não precisa mais procurar por isso ou se comprometer com uma criação nova e única. O que é novo hoje num mundo que já se percebeu em termos de arte que as manifestações estéticas são fruto de vários estudos, produções, épocas? O que é único se desde a revolução industrial quando aprendemos a produzir em série, a perceber em série e a viver em série?

Hoje a arte se ocupa da liberdade de criação, não como um objetivo final, mas como um dos motivos próprios do fazer artístico. A muito o artista se desprendeu dos motivos religiosos e políticos, porém, por conta da própria liberdade de expressão esses motivos podem aparecer livremente em uma obra.

Os eventos que aconteceram há alguns meses no Brasil envolvendo a exposição Queermuseu do banco Santander do Rio Grande do Sul e a performance La Bête no Museu de Arte Moderna de São Paulo pelo coreógrafo Wagner Schwartz, se vistos num contexto histórico em que muitos outros eventos criaram situações de desconforto social, serviram para suscitar polêmicas e as mais variadas formas de manifestações, esses momentos nos lembram de que a arte é uma manifestação humana por excelência. O artista, quase que na maioria de suas criações, vai produzir sobre questões que estão imbricadas com a vida humana, os sonhos, os anseios,

“Hoje a arte se ocupa da liberdade de criação, não como um objetivo final, mas como um dos motivos próprios do fazer artístico.”

[1] Professor da Escolinha de Arte do Colégio Estadual do Paraná

os medos, os embates, o inconsciente e tudo o que possa servir um dia para deleitar ou inquietar a mente humana, quer seja individualmente ou em grupo.

Quase como um antídoto contra a cegueira da percepção do mundo, a arte leva qualquer pessoa a ver, a seu modo, o mundo a partir da obra de arte. Isto quer dizer que não se pode esperar uma única interpretação de uma obra ou que as pessoas tenham sempre opiniões favoráveis. Essa é a forma mais cruel da arte nos tirar a roupa da certeza e da hipocrisia.

Porém a exposição de preconceitos escondidos, o desvelamento de ideias desumanas e a revelação de pessoas que se camuflavam em templos e organizações politico partidárias será um “efeito colateral” da fruição de obras artísticas que automaticamente acontecerão diante de um momento em que uma produção estética ganha espaço para ser vista ouvida, e experimentada.

Esse evento traz em si a faculdade de expor a todos. De mostrar as feridas sociais mal resolvidas, quer sejam elas na religião, na política ou nas relações humanas no que diz respeito aos gêneros e às condições de vulnerabilidade.

A arte na contemporaneidade questiona a própria arte em atitudes metalinguísticas produzindo uma crítica sobre as produções e seus objetivos. O artista não é hoje alheio ao produto de seu trabalho, mas interage com ele.

O senso comum criou estereótipos que muitas vezes são reafirmados por pessoas que, alheias ao campo da arte, quer seja na produção ou no estudo afirmam por vezes, que a arte atual é feita de conteúdos incompreensíveis, gestuais ou que cumpre a meta da expressividade somente. Porém ao nos aproximarmos de várias obras da contemporaneidade em qualquer das áreas artísticas podemos nos deparar com criações muito complexas, envolvidas com grande estudo prévio abordando áreas da ciência nos apresentando um resultado hiperrealista que poderá remontar a outras épocas da história da arte. Exemplo disso são as obras de Ron Mueck eTheo Jansen. Portanto o que faz entender a obra de arte é a compreensão, imersão no processo do artista e se torna importante também a

reflexão sobre a arte, que poderia dizer-se é mais importante do que própria arte em si.

Tomar partido nesse momento das posições que se confrontaram diante dos episódios mencionados não seria a atitude propriamente mais madura. O que pode se dizer é que a ate nos faz acordar, nos desinstala, mas fechar os olhos a alguns aspectos seria manter um raciocínio raso diante dos fatos. O povo brasileiro não tem a cultura de frequentar museus, tetros, óperas. Trazemos ainda muito forte a marca colonial da divisão de espaços predefinidos para a população geral e para as elites representadas em outros tempos pelos grupos monarcas. No subconsciente cultural acredita-se ainda que haja lugar de rico e lugar de pobre dentro da arte. Também a exploração mercantilista da arte contribui para essa secção na prática de valores superfaturados para acesso aos espetáculos.

Diante disso, quem não vive ou não conhece só poderá emitir opinião dentro de seus limites. A ação desses grupos será limitada a usar elementos da religião para julgar a arte ou usá-la como bode expiatório para desvio da atenção diante de outros fatos.

A arte na contemporaneidade questiona a própria arte em atitudes metalinguísticas produzindo uma crítica sobre as produções e seus objetivos.

Finalmente, a arte traz a liberdade por excelência em suas propostas. Ela caminha dentro de todos os campos e não se propõe e nem precisa ancorar em um deles. Vai da ciência á religião, do sagrado ao profano, da alegria à tristeza, sem querer preconizar um momento. Wassily Kandinski, percebendo a importância da arte como reveladora dos anseios e dos trabalhos humanos nos lembra “Toda arte é filha de seu tempo”. Isto é, cada período vai produzir uma estética que tenha consonância com seu momento de forma crua que pode assustar.

Quem sabe hoje, nós não estamos querendo ver o que realmente a arte quer nos mostrar; pode ser mais agradável fechar os olhos ou solicitar de forma frenética que o artista produza uma obra que se reporte a outro período, que nos leve para outras ideias. Mas nem os artistas conseguem correr de sua época, mesmo evocando outros períodos, irão reproduzir a sua época, o seu tempo e nós teremos que nos escandalizar ou nos maravilhar olhando para nós mesmos através desse viés sagrado por vezes e maldito por outros.